

ARTIGO

A ARTE E A REPRESENTAÇÃO DAS DIVERSIDADES: OLHARES SOBRE O FILME *CAFÉ COM CANELA*

ART AND THE REPRESENTATION OF DIVERSITIES: LOOKS AT THE FILM *COFFEE WITH CINNAMON*

ARTE Y REPRESENTACIÓN DE DIVERSIDADES: MIRA LA PELÍCULA *CAFÉ CON CANELA*

Sandra L. Sant'Ana dos Santos¹

Resumo: A arte possui um forte potencial de representar e de criar realidades. Tendo em vista essa afirmativa, torna-se relevante que as representações dos diferentes sujeitos, sejam repletas de humanização e de respeito às alteridades. O filme *Café com Canela* possui essa potência de representações, pois é protagonizado por duas mulheres negras, numa narrativa comovente de amor fraterno e de muitos afetos. Este artigo tece análises desses afetos que circulam pelo filme e de como as personagens negras são representadas, com ênfase em suas subjetividades. Enfatizamos também, que o referido filme é um importante recurso didático para tratar de temáticas como amor, amizade, depressão, além de suscitar discussões sobre a subjetividade das mulheres negras e de outras diversidades.

Palavras-chave: *Café com Canela*. Sororidade. Afetos.

Abstract: Art has a strong potential to represent and create realities. In virtue of this statement, becomes relevant that representations of different subjects be full of humanization and respect for the otherness. The film *Café com Canela* has this power of representations, as it is played by two black women, in a moving narrative of fraternal love and many affections. This article analyzes the affections that circulate in the film and how the black characters are represented, with an emphasis on their subjectivities. We also emphasize that the aforementioned film is an important didactic resource to deal with themes such as love, friendship, depression, in addition to raising discussions about the subjectivity of black women and other diversities.

Keywords: *Café com Canela*. Sorority. Affections.

Resumen: El arte tiene un gran potencial para representar y crear realidades. Ante esta afirmación, es relevante que las representaciones de los diferentes sujetos estén llenas de humanización y respeto por la alteridad. La película *Café con Canela* tiene esta potencia de representaciones, ya que es estrellada

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura pela UFBA. Mestre em Estudos Literários pela UEFS. Professora de Literatura da Rede Estadual da Bahia, Técnica Pedagógica em Educação Quilombola do Município de Cachoeira. Escritora e Poeta. E-mail: sandraliss1@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8808-2677>.

por dos mujeres negras, en una conmovedora narrativa de amor fraterno y muchos afectos. Este artículo analiza esos afectos que circulan en la película y cómo se representan los personajes negros, con énfasis en sus subjetividades. Destacamos también que la citada película es un importante recurso didáctico para tratar temas como el amor, la amistad, la depresión, además de suscitar debates sobre la subjetividad de las mujeres negras y otras diversidades.

Palabras clave: Café con Canela - Hermandad de mujeres – Afectos.

Rosza Filmes² apresenta...

“Café. Encontro. Perda. Afeto... Alegria. Solidão. Vida...” com estas³ palavras, a crítica de cinema Samantha Brasil, integrante do Coletivo de Mulheres Críticas de Cinema #partida, tece a rede afetiva e os desdobramentos narrativos do filme “Café com Canela”⁴. Talvez a palavra *Encontro*, em suas possibilidades elásticas seria o amálgama de todas elas, pois representaria o encontro de Margarida, a protagonista, que tem um filho assassinado e Violeta, também protagonista, que busca retirar Margarida da depressão. Há também encontros metafóricos, como o amargo do café com o sabor adocicado da canela; há encontros de afetos, como desamparo e amor, cuidado e abandono, tristeza e alegria; e há o que mais nos interessa, enquanto análise, o encontro do espectador com a obra fílmica. Então, *Café com canela* é um filme de encontros.

Todas as palavras elencadas por Samantha, especialmente “encontro”, criam um desenho no imaginário do espectador, na apreciação do filme *Café com Canela*. Tais palavras, essenciais para refletirmos como a arte de uma forma geral e o cinema especificamente, afetam o espectador e como este afetar constrói uma nova representação de sujeitos minoritários. Vale ressaltar que esta representação respeita as subjetividades das pessoas negras e expõe suas vivências demarcando um fator essencial, comumente esquecido, que é a humanidade dos negros.

A partir dessa premissa, refletimos sobre a constituição da subjetivação dos negros, em espaços formais de educação, mediados por elementos simbólicos culturais diversos,

² Rosza Filmes é uma produtora cinematográfica com sede em São Félix criada pelos diretores do filme *Café com Canela*, Ary Rosa e Glenda Nicácio.

³ A crítica de cinema enumera outras palavras em sua resenha, que cria uma sinopse do filme. Vejamos: “Café. Encontro. Perda. Afeto. Reencontro. Leveza. Ancestralidade. Alegria. Solidão. Vida. Fantástico. Solidariedade. Cinema. Espelho. Com. Amor. Cerveja. Andar de Bicicleta. Sororidade. Canela”. (BRASIL, 2017).

⁴ O filme foi produzido em 2017, sob a direção de Glenda Nicácio e Ary Rosa e tem 100 minutos de duração. Conta a história de Violeta e Margarida, duas mulheres negras, que se aproximam pela dor da perda de um filho de Margarida e regadas a café e flores, se transformam.

principalmente os que protagonizam seus corpos e subjetividades. As representações que os estudantes têm contato, as leituras que fazem a partir delas e os tensionamentos que estabelecem com a histórica já contada e dita oficial, podem modificar completamente suas formas de ver os seus pares e a si mesmo.

Com este intuito de elencar reflexões em torno dos discursos e imagens (que não deixam de ser discursos) do referido filme, iremos adentrar as nuances de sua composição e, também teceremos análises interpretativas de seu enredo. Assim, a partir de “dentro” do filme, iremos perceber como ele pode contribuir com ensino para a diversidade, ao repensar nas representações e subjetividade dos negros. É fundamental que os professores percebam a relevância dessa discussão e utilizem desses recursos, não oficiais, para recontarem nossa história. Afinal, sabemos que a arte constrói realidades e quebra estereótipos.

Sabores e saberes em *Café com Canela*

O filme “Café com Canela”, produzido em Cachoeira-BA, traz a história de Margarida, uma mulher negra e professora, em estado de depressão pela perda de seu único filho. Entrelaça-se à história de Margarida, nos é apresentada a de Violeta, uma menina também negra, que foi aluna da primeira e tenta retirá-la do estado de depressão. É uma narrativa de amor e cuidado entre duas mulheres, exercitando a sororidade, em sua máxima potência. Mas, também é uma história de desamparo, onde percebemos uma mulher entregue à dor da perda e que nesta entrega, também vai perdendo os seus e a si mesma.

Entregue ao desamparo, a personagem Margarida tem a subjetividade esfacelada e silencia sua dor, como se nós negros não tivéssemos direitos a sentir, como se precisássemos reprimir qualquer sensação, qualquer fator que lembrasse o quanto humano somos. Este é um ponto que toca num período sombrio de nossa história, a escravidão. Nesta época, era perigosa qualquer demonstração de afetos, como contundentemente aborda Bell Hooks em “Vivendo de Amor”:

Depoimentos de escravos revelam que sua sobrevivência estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções. Num documento datado em 1845, Frederick Douglass lembra que foi incapaz de se sensibilizar com a morte de sua mãe, por ter sido impedido de manter contato com ela. A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros- o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome- fez com que se mostrassem solidários entre eles somente em situações de extrema

necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos. (2010, s/p)

Daí percebe-se o quanto torna-se difícil a demonstração de afetos pela maioria das pessoas negras. Algo que vem sendo perpetuado entre as gerações e que percebemos nas atitudes de Margarida. A personagem, imersa dentro de si, sofre brutalmente a perda. Não grita, não compartilha o que sente, não tenta apoio, só cai cada vez mais em seu próprio vazio, imersa na depressão.

O filme inicia com momentos alegres de Margarida no aniversário de seu filho, com a comunidade vizinha e seu esposo; depois enquadra a atual vivência da personagem, sozinha e em autopunição pela morte desse filho. No decorrer da narrativa fílmica, conhecemos Violeta, que é marcada pela solidariedade e sentimento primitivo de comunidade. A personagem utiliza de todos os meios cabíveis para retirar Margarida da depressão, pelo seu feitio de ser solidária, mas também pelas lembranças de Margarida como uma professora que trouxe significados a sua infância.

Tudo isto se passa na cidade do Recôncavo Baiano, Cachoeira, uma microcomunidade entrelaçada por vivências próximas e comuns (repensamos o conceito de comum, entrelaçando-o com de comunidade e afetividade). Percebemos, a partir do filme, que os afetos criam a microcomunidade de Cachoeira, pois há fortes laços entre os moradores e cuidados de uns para com os outros. Perpassando e entrelaçando toda esta rede de cuidados, a menina Violeta representa a potencialidade dos afetos positivos. Cuida da avó, idosa e doente, se preocupa com os problemas dos vizinhos, demonstra carinho com animais e plantas e atravessa a vida de todos os outros personagens positivamente, evidenciando que todos os vínculos sociais são também vínculos de afetos ou, nas palavras de Safatle (2016), os circuitos dos afetos são os fundamentos dos vínculos sociais.

Café com Canela expõe uma microcomunidade com redes afetivas entre pessoas negras, comumente representados de outras formas no cinema brasileiro. É perceptível que o nosso cinema, produzido na maioria das vezes por uma supremacia branca, reitera os estereótipos construídos e sustentados por outras artes/mídias de representações. O negro, então, aparece comumente em cenas eróticas e violentas, reafirmando um legado que a escravidão nos deixou, o qual sustenta que agimos instintivamente. A racionalidade e as emoções, dessa forma, vistas como elementos civilizadores e humanizadores, são associadas às pessoas brancas, o que reitera a construção da imagem do negro como seres não-humanos.

A longa metragem *Café com Canela*, então, desloca esta perspectiva, ao trazer à tona a sensibilidade e a subjetividade de personagens negros. Margarida e Violeta são mulheres negras protagonizando um filme que não aborda o racismo como temática, o que reiteramos, cria uma rasura na representação dos afetos entre pessoas negras, nas artes em geral e no cinema, em particular. Esse elemento torna-se fundamental para o espectador negro visualizar a humanidade que por muito que foi roubada.

A homoafetividade também ganha visibilidade no filme, evidenciando que aquele é um espaço (ou tempo) de questionar os centros e pensar nas desconstruções como forma de habitar novos tempos. O casal Adolfo e Dr. Ivan representa tais desconstruções, por ser um casal gay, que diante de uma cidade pequena escancaram o seu amor gay e inter-racial. Eles ilustram os conflitos nas relações vivenciados por qualquer casal, rompendo com as representações comuns da homoafetividade, sempre pautadas no sexo e nas práticas homofóbicas. Há afetos e lirismo na relação afetiva dos dois. Novamente aqui percebemos o foco nos afetos e na diversidade de representações.

Outro vínculo afetivo, que traz mais um cuidado e respeito aos diversos sujeitos da nossa sociedade, ao mesmo tempo que questionado as contemporâneas relações postas, é o da menina violeta com sua avó, configurado em cuidado e amor. Presenciamos tempos em que os idosos são vistos como empecilhos para a engrenagem da vida econômica das pessoas, o que implica em abandono. Somos uma sociedade que descarta o que nos é “inútil”, ou o que poderia atrapalhar o caminhar de nosso “progresso”. Violeta, na contramão desse sistema perverso, luta para sobreviver vendendo coxinhas de casa em casa, bar em bar, e arranja tempo em meio à luta de cuidar da avó.

Observa-se que este cuidado e representação do respeito aos mais velhos, remete-nos às sociedades africanas, cuidadoras de seus idosos. *Café com Canela* é pensado na contramão de todas as relações sociais, capitalistas, de hegemonia branca e heterossexual, para repensarmos em outros tempos, menos cartesianos, mais afetivos, porém sem perder sua dimensão racional. Isto reforça a perspectiva epistemológica que defende que depois de uma virada linguística e cultural, vivenciamos uma virada afetiva.

A rede afetiva envolve pessoas e lugares, neste caso, a microcomunidade Cachoeira representada um espaço afetivo, ou seja, é um microcosmo de afetividades. Safatle (2016) aponta a sociedade (e estendemos para comunidade), em sua dimensão fundamental, como circuitos de afetos. E acrescenta:

Enquanto sistema de reprodução material de formas hegemônicas de vida, sociedades dotam tais formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Devemos ter sempre em mente que formas de vidas determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis. Há uma adesão social construída através das afecções. Nesse sentido, quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos (SAFATLE, 2016, p 15-16).

A proximidade da vizinhança e a possibilidade da vida em comum das cidades interioranas, cria uma teia afetiva muito sólida, o que percebemos na microcomunidade cachoeirana. A configuração arquitetônica da cidade, com a maioria das casas muito próximas e pequenas, auxilia na forma como uma vida afeta a outra, enredando os vizinhos e todos os moradores da cidade.

O próprio espaço pode ser considerado enquanto um elemento de criar ou modificar as redes de afetos. As cidades grandes, com suas casas mais recanteadas e cada vez mais gradeadas, tornam as relações mais distantes e mais frias. Já as pequenas cidades aproximam as pessoas, pois estas estão sempre nos mesmos lugares, compartilhando as mesmas coisas. Há também os hábitos dos moradores do interior de olhar mais para o outro, diferente das metrópoles que acentuam a insignificância de cada indivíduo, diante da multidão. Os sentimentos, as dores, os conflitos internos passam muitas vezes despercebidos neste cenário.

Em *Café com Canela*, no qual as tensões sociais, as afetividades e o lirismo perpassam toda a história, pensamos nos atravessamentos dos afetos. De como estes (re)criam as potencialidades dos sujeitos, especialmente de mulheres negras e as relações afetivas-sociais da microcomunidade cachoeirana. Nossa reflexão se vale, principalmente acerca dos afetos desamparo e amor, os quais diminuem ou potencializam as ações das personagens principais da obra fílmica. E estes afetos acabam tocando também os espectadores.

Afetos e afecções no espectador: desamparo e amor nos corpos negros

O filósofo contemporâneo Vladimir Safatle (2016), no livro “O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo” tece discussões em torno da “gramática dos afetos”, a qual segundo ele, organiza toda uma sociedade. Diante deste argumento, o filósofo

defende que as sociedades são circuitos de afetos, dando ênfase aos nossos vínculos construídos a partir de como somos afetados. Neste livro, o autor discute alguns afetos que já jazem nos corpos políticos, como o medo e o desamparo. Este último nos interessa enquanto discussão, pois é o afeto, junto com amor, que mais atravessa o filme *Café com Canela*, no corpo da personagem Margarida.

Safatle retoma as discussões de Freud sobre desamparo enquanto afeto político, defendendo que ele nos abre às relações sociais. Para o filósofo, em diálogo com o psicanalista, o desamparo consiste em uma vulnerabilidade⁵, que ceifa qualquer reação do indivíduo e o coloca em total dependência de um Outro, que muitas vezes não responde. Ele acrescenta:

[...] o desamparo não será produzido apenas pela consciência da vulnerabilidade do sujeito na sua relação ao Outro, mas também pela própria ausência de resposta adequada às excitações pulsionais internas. Ou seja, há uma dupla articulação entre fontes internas e externas (SAFATLE, 2016, p. 51).

A personagem da longa metragem *Café com Canela*, Margarida se percebe totalmente desamparada e imersa em dores, diante da perda de seu único filho. A saudade e a fratura de si, que a perda lhe impõe, a enclausuram em isolamento e autoflagelação. Margarida sofre uma violência paralisante e fecha-se dentro de seu mundo, vivenciando o que seria para Safatle um colapso da capacidade de reação (2016).

Não que os afetos sejam puramente emocionais, abstendo-se inteiramente de racionalidades, como afirma Gleizer (2005, p. 51-52) retomando as principais discussões de Espinosa, em *Ética*:

Vimos também que não há oposição geral entre razão e afetividade, pois há afetos ativos que nascem de nossas ideias adequadas. De fato, se o conhecimento intelectual pode interagir com as paixões, moderando-as e transformando nossa vida afetiva é exatamente porque ele tem a mesma raiz que as paixões, a saber, o desejo. Ora, o desejo racional, como todo desejo, é um esforço para fazer o que serve à nossa conservação e auto-realização a partir de ideias dadas. [...]

⁵ A vulnerabilidade para Freud é momentânea, pois é exatamente a situação de desamparo que conduzirá o indivíduo à ação social.

Porém, na personagem analisada verifica-se que a dor superou qualquer possibilidade de reação. Como moderar as angústias experimentadas pela perda de um filho? Como controlar o vazio e a sensação de que nada mais faz sentido, ao perder o ser mais importante da sua vida? Diante da dor de uma mãe, que perde um pedaço de si, seria impossível pensar em racionalidades.

Trazemos imagens do filme, para refletirmos sobre como a obra focaliza as angústias vivenciadas por Margarida. Na passagem de uma cena alegre (o aniversário infantil do filho, Paulinho), para outra densamente triste (a mãe desolada fumando sozinha no sofá), experienciamos o drama vivido por Margarida, como nos mostra as imagens 1 e 2, retiradas do filme.

Imagem 1



Imagem 2



O contraste entre a iluminação e o enquadramento no rosto da personagem em seus diferentes momentos (na primeira imagem há mais claridade e a câmera está mais próxima, enquanto na segunda o distanciamento da câmera auxilia na representação da solidão e do vazio sentidos por Margarida) expressam, respectivamente o trânsito entre seu momento de alegria e sua situação de total desamparo.

Os recursos técnicos da produção fílmica pouco nos interessam, mas é possível perceber que as artimanhas de composição emolduram os sentimentos da personagem para afetar o espectador. Neste caso, a segunda imagem reflete no espectador a desolação de uma mulher, que sozinha, imersa no vazio da casa e de si mesma, perde qualquer sentido da vida.

Apreender esta dor e sensação de vazio, para os apreciadores da longa metragem, é uma das positivities da composição fílmica de Glenda Nicácio e Ary Rosa.

Estes recursos composicionais, quando discutidos por um professor com sua turma, são melhores percebidos pelos alunos, o que amplia as suas percepções e visões de mundo. O cinema é um recurso didático relevante tanto para o alargamento cultural do aluno, quanto para reflexões em torno das representações. A própria LDB, no artigo 26, § 8º, torna obrigatório o trabalho com filmes brasileiros, como recurso de fomento às artes. Observe o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na íntegra: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (BRASIL, 2014, s/p)

O filme tece um convite à apreciação da arte, mas principalmente nos leva a pensar na subjetividade de uma mulher negra numa situação de desamparo, de sobrevida. Agamben (2002) argumenta que o biopoder contemporâneo produz um estado de sobrevida, que seria “reduzir a vida humana a seu mínimo biológico” (*apud* PELBART, 2007). Nossas discussões não entram exatamente nas nuances do biopoder, mas nas vivências negras, que são precarizadas, desumanizadas. Como estaria a personagem, senão em um estado de sobrevida? Com a vida nua, escancarada ao seu estágio mais fragilizado, mais oscilante entre o humano e o não-humano. Em Margarida vemos um corpo à deriva, transitando entre a vida e a não-vida, ou seja, na condição de sobrevivente, mas não de vivente.

Relutamos um pouco, em concordar com Freud na necessidade da afirmação do desamparo, para a emancipação. Para Freud *apud* Safatle (2016, p. 18), “o desamparo não é algo contra o qual se luta, mas algo que se afirma”. O desamparo é evidente e inevitável, mas o argumento de sua necessidade como caminho para a emancipação torna-se frágil, especialmente quando tratamos de vulnerabilidades sociais. O desamparo pode suscitar formas de criar possibilidades diante da escassez material e imaterial, mas também é passível de desolação total até o fim da existência, como postula Butler (2015) no texto *Vidas precárias, vidas passíveis de luto*. A autora argumenta que as vidas tomadas para serem dizimadas, o são por mecanismos de exclusão de bens essenciais, por violências das instituições e até pelo processo de marginalização, com seus aspectos camuflados de selecionar desde a infância, quem tem direito à vida.

Quando pensamos em pessoas negras, já vulnerabilizadas pelo corpo social, o desamparo torna-se um entrave de vida ou um caminho em direção à morte, pois toda a estrutural social propicia e consente tal vulnerabilidade. Os sujeitos negros não são passíveis de luto, tendo em vista que são vidas menos importantes. Acentua-se ainda mais esta situação o caso das mulheres negras, o grupo mais oprimido entre as minorias políticas, como afirma Silva:

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social. (2013, p.1)

Patrícia Hill Collins (2012) reafirma tal posição, ao passo que defende o ativismo do feminismo negro no texto *Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro*

Mientras persista la subordinación de las mujeres negras dentro de las opresiones interseccionales de raza, clase, género, sexualidad y nación, el feminismo negro seguirá siendo necesario como respuesta activista a esa opresión. De modo semejante, el propósito global del pensamiento feminista negro estadounidense es resistir a la opresión, tanto a sus prácticas como a las ideas que la justifican (p. 99).

Tais opressões, somadas a outras, já colocam a mulher negra em situação de desamparo e de precarização de sua existência, quando outros acontecimentos se somam a estes, a depressão torna-se inevitável. Margarida vivencia todas estas opressões, mas é a morte do filho que a fragiliza e a coloca em estado desesperador de vulnerabilidade.

Para esta mulher negra e oprimida estar em situação de desamparo poderia ser o rompimento da tênue linha de sua existência. A personagem não alcançaria a emancipação, senão com ajuda. Questionamos quantas “Margaridas” nunca encontram amparo e transitam da sobrevivência para a morte? Tornamos sob suspeita a certeza de que contra o desamparo não se luta. Há necessidades de luta contra este afeto, que imprime vulnerabilidade à vida e que paralisa, emudece, desumaniza, põe o ser em estado apenas biológico.

O filme retrata uma personagem entregue, imersa no escuro, no vazio e no silêncio. A suspensão da palavra é também uma forma de morte, especialmente diante de uma sociedade

pautada na comunicação. Como manter as relações da microcomunidade suspendendo a palavra? A linguagem, que também faz parte do circuito de afetos, interconecta os indivíduos em grupos, que estabelece trocas materiais, culturais e afetivas, mediados pelos dizeres, pela comunicação.

No início, Margarida está rodeada de pessoas e conversa o tempo todo, expandindo sua alegria com o aniversário do filho, logo quando há um corte dessa cena, percebemos a imposição do silêncio, como uma necessidade de suspender também a vida. Ele, com seu poder de vazio, instaura além da lacuna da palavra, um intervalo da afetividade. Não há afeto no silêncio, só distanciamento, um esvaziamento de qualquer contato ou relação com o outro. É evidente, que não estamos falando daquele silêncio, que atento à fala do outro, escuta, mas sim daquele que impera entre as pessoas dando um ar de vazio na relação, ou o que é instaurado pelo distanciamento de contatos entre os entes da microcomunidade. O silêncio se abriga bem na situação do desamparo.

Toda esta suspensão de relações, de estabelecer a comunicação dentro de um circuito afetivo, inclusive familiar, conduz Margarida a mais profunda solidão. A imagem da personagem sozinha, diante de portas e paredes ilustra bem este estado solitário. Esta cena-imagem estabelece um diálogo entre o vazio que emana da personagem e ocupa cada compartimento da casa e o jogo de claro e escuro, que acentuam a percepção de solidão e desamparo, que ela está imersa. A sombra é sua única “companhia”, mostrando que nada mais lhe resta, senão este seu eu obscuro (a sombra), presente e ausente ao mesmo tempo, que apesar de estar ali, não divide com ela a dor do desamparo.

Imagem 3



O telespectador na apreciação do filme é atravessado por alguns questionamentos: como a personagem poderia sozinha sair do estado psicológico a que chegou? Como a situação de desamparo poderia conduzi-la à emancipação? São indagações que ficam no ar, pois acreditamos que, à revelia do argumento freudiano, o desamparo nem sempre é positivo, às vezes tal afeto conduz a situações desesperadoras e de total abandono.

O indivíduo imerso neste afeto triste, então, tem uma dupla possibilidade, ou transfigura a situação impossível em uma possibilidade, ou vê-se caindo sozinho em abismo sem fim. Tal transfiguração do impossível em possível perpassa pelo auxílio do *Outro*, sendo este psicanalista, como as teorias freudianas e lacanianas, dentre outras, defendem; ou um auxílio mais próximo, de alguém que, mais do que relações profissionais, tem relações afetivas. Um amigo, um familiar, um vizinho, enfim, alguém de vida comum, com o indivíduo desamparado. Desta perspectiva, reafirmamos o quanto as relações ou os círculos de afetos influenciam as vivências das pessoas.

No caso de Margarida, foi Violeta este *Outro* que a fez superar a situação de total vulnerabilidade diante da dor da perda. Violeta, a menina que entrelaça toda a rede de afeto entre os moradores de Cachoeira, vê no amor ao próximo um sustentáculo para a vida social. A personagem vende coxinhas pela cidade de bicicleta e neste ato tão cotidiano de sobrevivência, consegue aconchegar as tristezas de seus comuns.

A imagem da menina na bicicleta cria poeticidade ao cotidiano da cidade interiorana da Bahia, tecendo um lirismo que ganha movimento e dimensão durante as amostras de suas relações afetivas com os vizinhos e amigos. E se aprofunda ainda mais diante do reencontro com a professora da infância. Ao perceber a situação de Margarida, Violeta sente necessidade de ajudá-la e insistentemente vai visitá-la, com o pretexto de um café, até conseguir se inserir naquele cotidiano de dor e solidão.

A personagem invade aquela vivência vulnerabilizada pelo sofrimento e usa de sua potencialidade afetiva para retirar Margarida da depressão, com a ajuda de dois símbolos do afeto: a rosa e o café. A rosa é entregue todos os dias à Margarida, sinaliza um gesto de carinho e preenche aquele espaço (a casa) de vitalidade; espaço este fraturado pelas marcas de um vazio existencial. O café torna-se o símbolo do (re)encontro entre Violeta e Margarida. Acrescido a canela, o café representa a afetividade que une o prazer do sabor e o da conversa entre duas mulheres, que estão envolvidas apenas pelo tecido do amor.

Margarida rejeita as possibilidades de ajuda, mas aos poucos se percebe envolta em muitas rosas vermelhas, todas dadas por Violeta, o que cria outra tonicidade a sua deserta e melancólica casa. A rosa, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2016), no *Dicionário de Símbolos*,

[...] simboliza a taça de vida, a alma, o coração, o amor. Pode-se contemplá-la como uma mandala e considerá-la como um centro místico. [...] (p. 788)
Por sua relação com o sangue derramado, a rosa parece ser frequentemente o símbolo de um renascimento místico [...]. É preciso, diz Mircea Eliade, que a vida humana se consuma completamente, para esgotar todas as possibilidades de criação ou de manifestação; se vem a ser interrompida bruscamente, por uma morte violenta, tenta prolongar-se sob uma outra forma: planta, flor, fruta. (p. 789)

Para a personagem, as rosas podem significar o prolongamento da vida do filho, o que traria um acalento a sua existência; seu renascimento para uma outra forma de existir; ou a própria ideia do amor, tecida neste gesto afetivo de Violeta. Independente dos significados construídos por Margarida para as rosas, a personagem vai compondo seu espaço com cores e tons mais festivos e passa a ter um cuidado com elas, evidenciando uma breve saída de seu total desolamento, o que percebemos na seguinte cena-imagem:

Imagem 4



Diante dos outros elementos da imagem, a rosa representa um contraste, pois remete à vida e ao renascimento, o que é potencializado pela água. Em oposição a tal renascimento, restos de cigarros no cinzeiro, resto de café frio e a garrafa térmica suja, com aparência de descuido, que significavam a depressão e o abandono de Margarida. Nesta imagem vemos uma transição entre a dor da perda e a esperança de uma nova vida.

O café, outro elemento que é o símbolo do reencontro entre as duas personagens, traz também muitos significados. Estes não foram encontrados nos dicionários de símbolos, mas tecemos a partir de interpretações contextualizadas com a obra fílmica. O afeto entre Margarida e Violeta tem no café acrescido da canela sua maior simbologia. O próprio nome do filme enfatiza esta assertiva.

O que seria este encontro afetivo, mediado pelo café com canela, senão uma forma de amor? Violeta, enquanto personagem que cria elos afetivos em toda a comunidade, toca fortemente a vida de todos em seu entorno. São estes elos afetivos que irão retirar Margarida do estado de desamparo, e devolvê-la de volta à vida. As afetividades, tecidas e espalhadas por Violeta, são potentes, evidenciando a força dos afetos.

São os afetos que irão criar potência de vida para os sujeitos em vulnerabilidade. Através deles, há um restabelecimento entre o *eu* e o social. As relações são regidas por normas e leis, mas são os afetos que estruturam os comportamentos e as obediências (ou não) a tais leis e normas. O poder de afetar e ser afetado cria as relações sociais, o que verificamos com precisão no filme *Café com Canela*, especialmente por tecer relações muito próximas entre a microcomunidade.

A cena de Margarida andando de bicicleta junto com Violeta talvez seja a maior poesia do filme. Ali verificamos as potencialidades dos afetos, a alegria e a vida que retorna à Margarida e o lirismo de duas mulheres negras, uma restabelecida da dor e desamparo, pelo acolhimento e o amor da outra em uma cena plena de lirismo. Margarida e Violeta são as imagens-afeto de duas flores (pois o nome das personagens não é inocente) e uma bicicleta compondo um quadro tecido pelas cores de um cotidiano mergulhado na afetividade.

The end...

Em tempos de ódio e brutais cenas de racismo que estamos vivendo, os quais só escancaram as sujeiras da sociedade há muito colocadas em baixo de tapetes, um filme que aborda o negro, com ênfase em sua humanidade e processos de subjetivação, é vital para nós negros (ou até para não-negros). *Café com canela* põe em primeiro plano a afetividade entre pessoas negras, evidenciando que vidas negras importam e muito.

A dor de uma mãe preta, ao perder seu único filho, é algo que reverbera em nossos corpos negros. Como não compartilhar do vazio e da solidão de Margarida? Habitamos aquele

espaço, na cidade de Cachoeira, vivenciamos aquele luto silencioso e paralisante e tocamos (ou sentimos) com os nossos, aquele corpo, no instante em que ele perdido se esfacela em dores. O filme nos leva para dentro de Margarida, para experienciarmos sua tristeza.

Só há uma forma de amenizar este sentimento, que é através dos afetos. Talvez uma das maiores poesias no filme consiste na atitude de Violeta, de segurar a mão da sua professora, mulher preta e desamparada e puxá-la para fora daquele abismo. Caminhemos todas juntas, uma sobe e puxa a outra, ninguém solta a mão de ninguém... são frases que pensam o apoio e respeito à diversidade, mas que principalmente conclamam à coletividade. Violeta expõe nas mais singelas atitudes este exercício de coletividade, pois jamais desiste “da outra”, que também, por ser uma mulher preta, é um pouco de si.

O filme *Café com Canela* tece caminhos para a repensarmos as relações humanas, especialmente as relações na diversidade e nos afetos aos corpos negros. Vivenciamos, junto com os personagens, as experiências tristes e alegres da narrativa fílmica. Experimentamos os afetos de compartilhar um café e com ele enredarmos olhares e sorrisos cúmplices de duas mulheres negras.

Experimentamos também o cuidado com o outro, como uma forma de amor. E Violeta é a maior representação dessa mulher cuidadosa e amorosa, que mesmo com seus diversos afazeres, se preocupa com a coletividade. Esta personagem tece toda rede afetiva compondo no filme, o que compreendemos como amor. Com ela insistimos e torcemos para o retorno de Margarida à vida. Violeta é uma personagem que nos emociona pela dimensão de seu amor.

À guisa de concluirmos, reiteramos que *Café com Canela* aborda as possibilidades de encontro com o lirismo da cidade de Cachoeira; com amor em sua forma fraternal, com os afetos e com um ideal de ser humano que os diretores do filme, também nós críticos, acreditamos. São muitas as tessituras do filme e a partir dele podemos refletir por diversos ângulos. *Café com Canela* (o filme e a própria mistura do amargo do café e o doce da canela) é de uma densidade lírica, que afeta nossos corpos e subjetividades de forma poética.

Trilhamos pelos caminhos internos do filme, pensando nele, enquanto arte, para demonstrar o quanto pode afetar os espectadores. Por isto, acreditamos que seu poder de (trans)formação desloca os sujeitos para repensarem nas histórias contadas a partir de um único viés, que comumente é o Ocidental. O filme, tendo em vista as nuances internas, é um excelente recurso de reflexões sobre a subjetivação das pessoas negras. Por isto, torna-se um recurso essencial em sala de aula, tanto para se fazer valer o respeito às diversidades, quanto

para se aplicar a lei 10.639/03, mas principalmente pelo seu caráter de arte, o que implica dizer, o seu potencial de humanização.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

BRASIL, Samantha. **Café com Canela: sobre os afetos curativos**. Disponível em: deliriumnerd.com/2017/09/20/cinema-cafe-com-canela-critica/ Acesso em: 15/12/2018.

BRASIL, **Lei nº 13.006 de 26 de junho de 2014**. Altera a Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BUTHLER, Judith. Vida precária, vida passível de luta. In: _____ **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAFÉ com Canela. Direção de Glenda Nicácio e Ary Rosa. Cachoeira: Rosza Filmes, 2017. Audiovisual. 100 min.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. ed.29. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

COOLINS, Patrícia Hill. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: JABARDO, Mercedes (Ed.). **Feminismos negros: una antología**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012. p. 99-134.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 19/02/19.

PELBART, Peter Pal. **Poder sobre a vida potência da vida**. Disponível em: encurtador.com.br/fsIMR. Acesso em: 13/12/2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres Negras, Pobreza e Desigualdades de Renda. In: MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. Cap. IV. p. 109-132.

Recebido em: 11 de agosto de 2020.

Aprovado em: 19 de setembro de 2020.

Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 1, n. 1, p. 20-35, jul./set. 2020.

Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>

ISSN: 2675-6889